

ANO LXXIII N° 361
JULHO/DEZEMBRO 2021
SEMESTRAL
Diretor: P. Dário Pedroso SJ
GRATUITO



GRAÇAS DO PADRE CRUZ SJ

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se--vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.
Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.

Índice :

Abertura	pág. 26
Padre Cruz - Viagens além fronteiras.....	pág. 28
Homenagens.....	pág. 30
Homenagem - Avenida Padre Cruz em Lisboa	pág. 32
Para Divulgar - Padre Cruz.....	pág. 38
Homenagem - Poema	pág. 39
Novo Livro	pág. 42
Deram Esmola e Agradecem Graças	pág. 44
Campanha de Missas	pág. 48

Estatuto Editorial:

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é propriedade da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é uma publicação católica, que visa a divulgação da vida e obra do Padre Francisco da Cruz, sacerdote jesuíta.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.



VEM, SENHOR JESUS

Natal é nascimento. Se Jesus não nasce ou se nós não renascemos para Ele, não há Natal. Há prendas, presépios, iluminações, banquetes, doces, etc. mas não há verdadeiro Natal. Preparar em Advento o Natal é algo essencial à vida cristã, à família, à paróquia. Tomemos a sério esta preparação, façamos caminhada de conversão, preparemos um presépio no coração.

1º Vem aí a Luz. Jesus é a Luz do mundo. Natal é o nascimento dessa Luz. Noite luminosa, como diz S. Lucas. Mas “as trevas não deram lugar à Luz” como afirma S. João. Há trevas em nós, na família, na escola, no emprego, na sociedade. Trabalhar as trevas (conversão) para dar lugar à Luz. E para sermos Luz para os outros. **Quais são as minhas, as nossas trevas, que nos impedem de receber a Luz e que haja verdadeiro nascimento de Jesus?**

2º Vem aí o Amor. Jesus é Deus-Amor, Verbo do Pai. Vem por amor, vem para amar-nos, vem para nos ensinar a amar. Viver o Advento amando mais e melhor, dinamizando o coração ao amor, para preparar bem o Natal. Amar a família, amar no emprego, amar os mais pobres, amar...

Como posso e devo viver o Advento nesta dimensão de mais e melhor amor? Que posso e devo fazer concretamente?

3º Vem aí o Salvador. Jesus como Salvador, vem para curar, salvar, converter. Somos todos doentes que precisamos, em muitos aspetos, de sermos curados. O Advento vivido nesta perspectiva de cura de doenças espirituais nos ajudará a viver verdadeiro Natal. **Quais são as minhas doenças espirituais? Como posso colaborar para ser curado? Só assim estarei preparado para celebrar Natal.**

4º Vem aí o Libertador. O povo judeu esperava há milhares de anos o Messias que libertaria dos inimigos, e na altura do nascimento de Jesus, dos Romanos e seu poder. Todos precisamos de ser libertados das diversas amarras que nos prendem, não nos deixam ser livres: medo, dinheiro, prazeres, etc. **Quais são as cadeias que me prendem? Onde preciso de me libertar mais para viver o Natal mais livre e mais feliz?**

5º Vem aí o Senhor, o Rei, mas pobre e humilde. Custa-nos muito contemplar o presépio pobre e humilde. Um Deus pobre humilde. Um Rei e Salvador pobre e humilde. Um curral de animais, uma manjedoura... com tudo o que isso implicou. **Como viver o Advento procurando pobreza e humildade de coração, de sentimentos? Como acolher a pobreza e humildade do Menino Deus?**

P. Dário Pedroso, s. j., Vice-postulador

**Agradecemos que sejam apóstolos desta revista.
Arranjem assinantes ou ofereçam assinaturas.
Obrigado!**



Padre Cruz - Viagens além fronteiras

Mons. Freitas Barros conta como o P. Cruz, numa peregrinação de 200 portugueses a Lourdes, em Agosto de 1923 ou 1924, comoveu a assembleia e particularmente um “Brancardier” ou Servita francês.

“... Extraordinários «homens de Deus» falavam a linguagem do Senhor onnipotente, a qual não está sujeita às modalidades linguísticas do falar dos homens. O Espírito de Deus «sopra onde Ele quer», penetra no íntimo das inteligências humanas, ilumina-as e move-as e conduz a vontade do ser humano onde Ele quer.

O piedoso Padre Dr. Cruz (assim o penso eu) gozou, também, deste dom, ao menos algumas vezes. Assim se poderá concluir em face do caso que vou contar.

Foi em Lourdes (França) que aos pés da gruta de Massabielle, diante do Altar bendito das Aparições da B. V. Maria, Nossa Senhora, ao mês de Agosto do ano de 1923 ou 1924. Encontrava-se lá uma Peregrinação, composta de duas centenas de nossos compatriotas.

Na manhã do 2º dia dos actos piedosos da mesma Peregrinação estava a celebrar o Santo Sacrifício da Missa naquel Alter um dos nossos Venerandos Prelados peregrinos com a assistência de toda a Peregrinação.

Eu, [Freitas Barros], que nessa ocasião me encontrava em Lourdes, em descanso de férias, estava junto à Gruta, em frente do púlpito, perto da pequena sacristia, onde os “Brancardiers” costumam reunir-se; e, ao pé de mim, um destes, que eu conhecia desde há muito tempo, sabendo muito bem que ele ignorava inteiramente a língua portuguesa.

No púlpito estava a rezar o terço, em diálogo com os Peregrinos, o Rev. Padre Dr. Cruz. A oração ia fervorosa, entremeada de jaculatórias, num crescendo de fé e amor. Clamores dos lábios,

inspirados pela inteligência e vontade, em louvor a Deus e à S.S.ma Virgem; gemidos de alma, acrisolados no coração a transbordar de amor: Incenso e chamas!...

Quando o Celebrante terminou o Evangelho, o Rev. Padre Dr. Cruz interrompeu o Terço e começou a falar a propósito de Nossa Senhora. Está claro, aquele extraordinário amor que o piedoso «homem de Deus» dedicava à S.S.ma Virgem em breve se manifestou em palavras proferidas com entusiasmo quase ao rubro. O seu rosto estava iluminado, seus olhos brilhantes, ora fitando o Altar do Sacrifício, ora a imagem da Virgem das Aparições; sua figura vibrava intensamente...

Toda a assembleia estava presa e comovida, não sendo poucos os que deixavam cair lágrimas...

Era um quadro bem tocante, digno daquele lugar abençoado!...

Um gesto qualquer do meu vizinho «Brancardier» atraiu a minha atenção; e vi que estava muito comovido, olhos embaciados por algumas lágrimas, rosto iluminado e um como que tremor no corpo...

Então, muito admirado do que presenciava, falando-lhe na sua própria língua, disse-lhe mais ou menos estas palavras, em voz baixa:

— Ah! Diga-me: Se não sabe português, como pode compreender aquele Sacerdote?!...

— «É verdade; não sei português (respondeu-me ele na sua língua); mas aquele Sacerdote tocou-me no coração!... Compreendi tudo o que estava a pregar. Saberá ele falar francês? Queria falar-lhe!»!

— Seguramente... quase todos os portugueses sabem francês.

E o bom «Brancardier» seguiu cuidadosamente, através das últimas filas dos peregrinos, e procurou lugar junto à entrada do público como quem aguardava o Pregador. E assim era, porque, quando o Rev. Padre Dr. Cruz desceu, lá seguiram os dois pelo pequeno caminho, atrás da Basílica, que da esplanada conduz à Via-Sacra, no monte sobranceiro à Basílica.”

Do livro *Páginas da Vida do Padre Dr. Cruz*,
J. C. Freitas Barros, pp. 162-164



Homenagens ao Padre Cruz

Depois da igreja, as entidades oficiais. A Câmara Municipal do Porto, na sua reunião de 6 de Outubro de 1948, «deliberou, não só exarar na acta um voto de sentido pesar, mas também que seja consagrado numa das ruas desta cidade o nome do santo Sacerdote, que pelo seu Apostolado do Bem, mereceu a veneração de Portugal inteiro».



Inauguração do
Busto do P. Cruz, Lisboa

A Câmara Municipal de Lisboa associou-se às comemorações do centenário do nascimento do Padre Cruz, principalmente à Sessão solene realizada no Pavilhão dos Desportos a 5 de Novembro de 1959; deu o nome do Padre Cruz a um Bairro Municipal, e no dia 3 de Junho de 1967, inaugurou no mesmo Bairro um busto da autoria do escultor e professor da Escola de Belas Artes, Martins Correia.

Em reunião ordinária da Câmara Municipal de Lisboa efectuada em 22 de Fevereiro de 1973, o vereador Leopoldo Nunes apresentou uma proposta que foi aprovada por unanimidade em escrutínio secreto de «dar o nome do venerando sacerdote a uma Praça, Largo ou Avenida da Cidade, de acordo com a alta e nobre figura do Apóstolo da Caridade». Esta proposta teve efeito por despacho do Presidente da Câmara, Tenente-Coronel António Jorge Silva Sebastião, publicado em edital de 4 de Março de 1974, sendo dado o nome do «Padre Cruz, Apóstolo da Caridade», à Avenida vulgarmente chamada das Telheiras, que sai da Avenida Marechal Carmona à Calçada de Carriche.

O 25º aniversário do falecimento do Servo de Deus foi comemorado no dia 1 de Outubro de 1973 com uma solene concelebração na igreja de S. Roque, presidida por Sua Eminência o Sr. D. António Ribeiro, Patriarca de Lisboa

Por motivo da mesma data, foi feito apelo aos Presidentes das Câmaras Municipais de Portugal para que o nome daquele que foi o «bom samaritano» do povo português, tendo-se dedicado particularmente aos pobres, aos pobres e aos presos das cadeias, figurasse nalguma artéria desses Concelhos.

Responderam afirmativamente as Câmaras de:

Mortágua, Évora, Monchique, Faro, Salvaterra de Magos, Maia, Murtosa, Montemor-o-Novo, Lagos, Borba, Fronteira, Vila Real, Peniche, Alcanena, Tábua, Moura, Góis, Seixal, Viana do Castelo, Azambuja, Arraiolos, Vinhais, Trancoso, Guarda, Setúbal, Estremoz, Pombal, Ponte de Sor, Ferreira do Alentejo, Arganil, Marco de Canaveses, Aguiar da Beira, Sever do Vouga, Celorico da Beira, Entroncamento, Vila Nova da Barquinha, Ponte de Lima, Resende, Tabuaço, Campo Maior, Alvaiázere, Matosinhos, Guimarães, Braga, Santarém, Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Praia da Vitória, Povoação, Inhambane (Moçambique), Gaza (Moçambique), Quelimane (Moçambique), Novo Redondo (Angola), Salazar (Angola).

Total: 54 Municípios.

Outras localidades já se encontram desde há tempos honradas com o nome de santo sacerdote: S. João da Madeira, etc.



“O Santo Padre Cruz”, 8ª edição,
Maria Joana Mendes Leal, pp. 525-526



A AVENIDA PADRE CRUZ, em LISBOA

Aqui reproduzimos a concretização de uma destas homenagens, prestada pela Câmara Municipal de Lisboa, que aprova a Avenida Padre Cruz, ligação entre a Calçada de Carriche e a Avenida Marechal Carmona em reunião efetuada a 22 de fevereiro de 1973.

“O vereador LEOPOLDO NUNES, usando seguidamente da palavra disse:

Sr. Presidente, Srs. Vice-Presidentes, Srs. Vereadores. São muitas as maneiras de estar ou andar no Mundo, talvez por serem diversos os conceitos individuais sobre os deveres e os direitos. Cada qual entende que a sua maneira de pensar e agir é a mais própria e útil; mas raras vezes há verdade em tal presunção. Para a demonstração que pretendo fazer bastam dois exemplos.

Em nosso tempo — e também a História nos ensina que noutras épocas acontecia o mesmo — muitos indivíduos exercem funções importantes só porque são simpáticos ou espertos, audaciosos, sujeitos ao domínio da vaidade que dá aparências de verdadeiro ao que é falso. Ascenderam ao desempenho das funções, muitas vezes funções de grande importância, por favor de amigos e protectores generosos ou crédulos. Não possuem virtudes nem qualidade; e, quanto a fé, somente conhecem a que é afinal, obsessão na concretização dos seus desejos. Não servem o interesse da sociedade a que pertencem, da Pátria ou da Religião que professam e nem respeitam os direitos individuais ou os sistemas colectivos; servem-se das missões e dos cargos para satisfação dos seus interesses materiais ou da sua ânsia de notoriedade; de notoriedade falsa e, por isso mesmo, temporária. Presumem de intelectuais e não têm ideias próprias ou ideias de outros por eles renovadas. Só consideram como bens preciosos e superiores a tudo a riqueza, os títulos nobiliárquicos, os diplomas universitários ou outros meios de supremacia sobre o comum das gentes. Ignoram que a vida humana é principalmente Espírito e Sentimento, e acessório tudo o mais.

Em oposição natural a essa falange altamente nociva, perturbadora da paz social e política e negadora dos princípios e regras do Evangelho de Cristo, uma outra, menos numerosa mas activa, operosa, digna em ideias e acções, exerce missões ou cargos públicos ou privados, revelando um

alto sentido para a viva inteligência, sensibilidade, competência, devoção ao bem comum sempre muito para além do seu interesse pessoal. São os que em tudo e por tudo o que pensam ou fazem, definem claramente personalidades, engrandecem e honram as funções, dando prova cabal, exuberante, da ‘sua maneira de estar ou andar no Mundo.

Por serem em mais elevado número as falsas personalidades — dos que desejam sempre mandar, mesmo quando desconhecem o gosto e a honra de servir — vai-se tornando difícil falar dos que não dependem da aventura ou da caridade, dos que não fiam da subserviência a manutenção das posições que ocupam para a demonstração de um ideal e do gosto de amar e servir o seu semelhante. Mas é moralmente imperioso e sumamente agradável enaltecer os reais méritos e virtudes dos que andam ou estão no Mundo para garantia dos valores essenciais,

Nesta consideração de singela expressão filosófica, em boa verdade exclusivamente baseada na experiência da vida e no conhecimento dos homens do meu tempo, assentei o propósito, tão grato ao meu espírito de católico e ao meu coração de português, de falar nesta casa, que é a Casa do Povo de Lisboa, de um dos homens — bem raros, por sinal! que ao serviço de Deus e da Pátria e, por consequência, da Humanidade, pôs os preciosos tesouros da sua inteligência, da sua sensibilidade, da sua fé ardente nas grandes verdades de Cristo, da perfeita interpretação do Evangelho na protecção e amor aos seus irmãos carecidos de compreensão, de caridade, de protecção, de justiça e de orientação. Estou a pensar e a falar do dr. Francisco da Cruz, daquele homem de excepção, exemplo no apostolado, na solidariedade, no amor do próximo, na fé inquebrantável em Deus e Cristo seu Filho, na Igreja de Roma e no respeito e devoção à Pátria Portuguesa — aquele Santo Padre Cruz de que toda a gente fala, em todos os territórios nacionais e até em terras estranhas.

Nas minhas actividades de jornalista constantemente ouvia falar, especialmente, a partir de 1920, desse homem iluminado pela graça Divina, cuja fé ardente contagiava, cuja presença era consolação e estímulo para as maiores lutas na vida. Contavam-me, já então como verdadeiros milagres, certas intervenções desse exemplar sacerdote, aqui resolvendo uma situação moral difícil no seio de uma família; além chamando à razão um transviado; promovendo as deligências necessárias para que aos cativos fosse feita justiça e, ‘se esta não fosse



possível incitando-os à resignação e à reabilitação, ao mesmo tempo que, fora das prisões, amparava moralmente e materialmente as famílias dos detidos; agora, visitando os enfermos, rezando com eles para que Jesus minorasse as suas cruciantes dores ou eliminasse o seu desalento; rezando sempre, só ou acompanhado, por considerar a oração a maior obrigação da pessoa humana; correspondendo às ofensas ou violências com manifestações de humildade; dando toda a sua riqueza aos pobres e desvalidos e aconselhando os ricos e os remediados a procederem de igual modo para cumprirem seu dever e merecerem a protecção divina. De tudo o que ouvi recolhi bem cedo a certeza de que o Rev.º Padre Cruz, corajoso e admirável intérprete e praticante do Evangelho, subsistia e andava no Mundo por especial desígnio divino, mostrando fé, simplicidade, humildade numa época em que tantos perderam esses altos valores. Ele era firme no seu ideal, como Santo Inácio de Loyola; humilde e devoto como S. Francisco de Assis; simples, caridoso e operoso como S. João de Deus; apóstolo como S. Paulo ou S. Francisco Xavier. O povo — e nesta designação abranjo, como é próprio, todas as classes — antecipando-se ao juízo da Igreja, em vida lhe chamava Santo; e, depois de morto, com mais razão o considera Santo, em razão das graças e milagres de que há notícias quase todos os dias.

Não fui depor no tribunal nomeado por S. Ex.a o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, para o processo de beatificação do Padre Francisco da Cruz. Mas quero revelar, publicamente, um acontecimento que a alguns amigos íntimos há muito tempo contei e de que ele foi protagonista e eu testemunha

Num daqueles meses de Outubro em que fui ao Santuário de Fátima na dupla qualidade de crente e de repórter, como sempre acontecia cheguei no dia 12, pela tarde, já quando a multidão de peregrinos era de uma impressionante grandeza. Se não estou em erro, era o ano de 1927. Comecei a observar tudo com a maior atenção. A certa altura reparei na azáfama de um sacerdote que a toda a gente falava e era o mais procurado dos padres que andavam pelo terreiro vasto; seguindo-o de perto vi como muitas pessoas lhe entregavam pequenos embrulhos que imediatamente metia naquele saco de tecido negro que sempre trazia debaixo da batina. Quando a ronda acabou, Padre Cruz dirigiu-se, sempre seguido por mim, para as traseiras do edificio bem modesto existente onde hoje se ergue o imponente Santuário. Sentou-se no terceiro degrau da porta da

Sacristia. Logo afluíram peregrinos, especialmente gente humilde, do campo, a solicitar-lhe que os ouvisse em confissão. Sempre que dava a absolvição, Padre Cruz metia a mão no saco negro, tirava um •embrulhinho e entregava-o ao penitente. Fez isto mais de uma dezena de vezes, sem que se registasse o menor incidente. A certa altura, quando continuava a sua tarefa de apóstolo, apareceu, ‘em passo apressado, com o rosto a revelar espano um camponês que o sacerdote ouvira pouco antes. Trazia, na mão, com o pedacito de jornal que as envolvera, quatro notas de conto. E fixei para sempre, porque não era possível esquecer! Este diálogo:

— Senhor Padre Cruz, ainda bem que vi a sua esmola antes de ir para casa. Veja o que me deu: quatro notas grandes!

— Meu filho: não quero desmentir-te. Se tu dizes que fui eu quem te deu esse dinheiro, não me lembro — até porque sou um pobre de Cristo ...

— É verdade!

— Agora me lembro. Não fui eu. Foi Nosso Senhor. Não posso aceitá-lo novamente.

— Então, o que hei-de fazer?

— Não tens maneira de aplicar esse dinheiro? Não te faz arranjo?

— Se faz!...

— Pois então leva-o e vai para casa. Paga rezando, que é o sinal de gratidão que Nosso Senhor mais aprecia.

Senhor Presidente, Meus Senhores:

A biografia do Padre Francisco da Cruz já foi feita, com todos os elementos possíveis devotadamente recolhidos, por distintas personalidades, como no livro «0 Santo Padre Cruz», da Sr. a D. Maria



P. Cruz em Fátima





Joana Mendes Leal, e «Passou fazendo Bem» do Isaque Barreira. Nem neste lugar e com o limitado tempo de que disponho podia fazer, sequer, um resumo dessas obras.

Vou revelar o meu objectivo, ao declarar o que V. Ex.as ouviram.

O Santo Padre Cruz, que era natural da histórica e ribeirinha Vila de Alcochete, após o curso do liceu, em Lisboa, obteve em Coimbra o grau de doutor em teologia. Já tinha vocação bem firme para a carreira eclesiástica e regularmente obteve mente obteve a ordenação. Esteve alguns anos em Braga, Director de um orfanato. Depois, fixou residência em Lisboa, cidade que

muito amava e onde decorreu a maior parte da sua vida e da sua obra de Apóstolo da Verdade e da Caridade. Percorria os hospitais, as prisões, os tribunais, as escolas, os centros de convívio, a evangelizar com o espírito e o coração. Aos seus familiares e amigos mais íntimos sempre disse do seu amor a Lisboa, e à Pátria, a todos recomendando o respeito pela Lei, pela Ordem e pela Paz. Corria o País de Norte a Sul, numa exaustiva aventura de amor e de caridade, que algumas vezes agravou a sua débil constituição física. E era sempre em Lisboa que se sentia plenamente realizado embora, na verdade, fosse um Homem do Mundo.

Há anos, um Presidente desta Câmara Municipal — o Sr. General França Borges — deu a um bairro, na Pontinha, destinado a gente pobre, o nome do Padre Cruz. Era uma das melhores homenagens que ao Santo Sacerdote podia ser prestada.

Todavia, o Rev.º Padre Cruz, em meu entender e no de muita gente, sobretudo dos que sentiram, no espírito e no corpo, no sentimento e na razão a influência da doutrina e da caridade do venerando padre, não foi só — o que já seria muito — um evangelista no pensamento e na acção. Foi no plano social uma das maiores figuras do Mundo contemporâneo, honrando Lisboa, a Pátria e a Santa Igreja de Cristo. Merece mais do que o nome num bairro popular — homenagem que, aliás, a outras pessoas, dignas, sem dúvida, mas de categoria inferior à

d'Ele, também tem sido prestada. O que o Padre Cruz merece direi no final deste modesto discurso. Por agora, e para concluir, afirmarei que o Padre Cruz foi um dos raros homens que souberam estar e andar no Mundo para dignificação do género humano. Reconhecer que era um Santo, não será difícil. As preces dos que ele amou e protegeu, serão, tenho fé, atendidas.

Que esta Lisboa, onde já tanta gente ate esqueceu de rezar, por intermédio do Município, seu genuíno representante, pague também o seu tributo. Isso nos dará honra e o melhor proveito: o sentimento da gratidão.

Senhor Presidente, peço licença para apresentar a seguinte proposta:

Considerando que o Padre Francisco Rodrigues da Cruz foi pela sua acção evangelizadora e pela sua vasta obra de solidariedade humana, o mais alto exemplo em Portugal no século decorrente, tendo alcançado projecção internacional;

Considerando que viveu a maior parte da sua vida em Lisboa, que tomou como centro da sua acção de caridade e sempre amou como várias vezes publicamente disse;

Considerando que o Padre Francisco da Cruz foi um legítimo português, inteligente, sensível, activo, prestante e humilde, que convém apontar às gerações presentes e futuras como paradigma de nacionalismo.

Tenho a honra de propor que a Câmara Municipal de Lisboa dê o nome do venerando Sacerdote a uma Praça, Largo ou Avenida da Cidade de acordo com a alta e nobre figura do «Apóstolo da caridade».

Após a leitura da proposta, o PRESIDENTE, submeteu-a à votação por escrutínio secreto, tendo sido convidados para escrutinadores os vereadores Nunes Serras e Pereira Coutinho.

Procedendo-se à contagem dos votos, verificou-se a entrada de dez, todos positivos, pelo que a proposta foi aprovada por unanimidade.

O PRESIDENTE seguidamente, disse: A unanimidade com que a Câmara aprovou a proposta do sr. vereador Leopoldo Nunes, diz bem da justíssima homenagem que V. Ex.a acabou de prestar, e de forma tão excelente, a essa personalidade invulgar que foi em vida o Padre Cruz. A Câmara Municipal de Lisboa honra-se de lhe ter sido proporcionada esta oportunidade para, uma vez mais e publicamente, manifestar o altíssimo apreço e veneração em que tem a memória do Padre Cruz.”



Caros Amigos:

A Causa do Padre Cruz vem divulgar um interessante trabalho elaborado pela Dra. Filipa Ribeiro da Cunha denominado “Vida e Obra do Padre Cruz” e faz o apelo para que também os nossos amigos e benfeitores o divulguem.

A autora descreve-o assim:

“Acaba de ser elaborado um vídeo de 40 minutos sobre o Padre Cruz, um homem de fé, de esperança e de caridade, um sacerdote decisivo na primeira metade do século XX português, marcado nas suas primeiras décadas pela Primeira República cujo anticlericalismo criava sérios obstáculos à vida da Igreja portuguesa assim como à difusão da mensagem de Fátima. Precisamente nesta época conturbada, a figura destemida e audaz do Padre Cruz, vai percorrer o país de lés a lés, visitando os esquecidos, confessando os fragilizados e acompanhando todos aqueles que a ele se dirigissem: um verdadeiro missionário itinerante dentro do seu próprio país. A sua vida pobre e humilde testemunha uma entrega constante ao próximo, sinal do seu profundo amor a Deus e modelo de santidade que merece ser redescoberto. ...”

O vídeo já foi apresentado em algumas Paróquias da cidade de Lisboa. Foi muito apreciado. Nalguma até houve um tempo de adoração ao Santíssimo perante as pessoas, para saborear melhor a vida e obra do Padre Cruz.

A autora deste trabalho pretende dar a conhecer o Servo de Deus Padre Cruz ao maior número possível de pessoas e deslocar-se onde for preciso para apresentar este trabalho e vídeo. Se na sua Paróquia houver interesse nesta apresentação, pedimos que contacte a Dra. Filipa Cunha para mais informações através do seu email filipasrcunha@gmail.com.

PRESENÇA AINDA

Um oceano de génio não vale
uma gota de santidade

Andou no mundo como um peregrino
De todos os caminhos em que houvesse
Mendigos a salvar no seu destino,
Almas sem mais ninguém que lhes
valesse.

Fez da pobreza o sonho de viver
Como só vive quem em Deus confia.
Esquecera de todo o verbo “ter”.
Não ter nada era nele uma alegria.

Como a dos lírios que no chão floriam
E que Jesus louvava num clarão:
-Vede-os além: Não tecem e não fiam,
Mas vestem-se melhor que Salomão.

Se entrava nas prisões, era uma luz
Que nascia nas celas tenebrosas.
Deixava estrelas de ouro em cada cruz,
Em cada solidão deixava rosas.

Tinha aventuras de descobridor,
Sem medo aos ventos soltos contra a vida.
E tudo via... Adivinhava a dor
Onde estivesse a dor mais escondida.

Chamavam-no de longe e, sem olhar
Ao tempo, logo ia, decidido,
Onde se ouvisse um pródigo chorar
Ou se visse algum náufrago perdido.



Sempre de capa negra sobre os ombros,
Sempre nas mãos o Terço e o Livro de Horas,
Fosse onde fosse,despertava assombros
E repartia unções consoladoras.

Pregava ao jeito heroico dos Profetas
E dos grandes arautos sem disfarce.
Saíam-lhe as palavras incompletas,
Mas eram sangue e fogo a derramar-se.

Ora curvado em meditar profundo,
Ora abraçando alturas e horizontes,
Na sua voz estremecia o mundo,
Dos seus silêncios emanavam fontes.

Soltava pombas brancas a piedade
Com que enfrentava os ódios mais infrenes.
Era todo, entre orgulhos, humildade,
todo adoração nos Lausperenes.

E rezava e rezava...Mesmo quando,
Na paz de Deus, à noite, adormecia,
Era o seu coração que estava orando,
Num mistério que nada interrompia.

E nem a Morte o fez calar...Além,
Nós o temos,agora,tutelar.
Na terra,em que passou fazendo o bem,
Por ele espera a glória de um altar.

Mas todo o canto é uma presença clara.
O Padre Cruz, é vê-lo em cada rua,
Como sombra de Deus que nos ampara,
-Porque a sua mensagem continua...

Poema escrito por Mons. Moreira das Neves, publicado na revista "Graças do Servo de Deus (P. Cruz)" em Abril de 1979, letra para Cantata dedicada ao Padre Cruz.



*Desejamos a todos os Amigos do
"Santo" Padre Cruz e suas Famílias,
um Santo Natal, com Fé e Esperança
no Novo Ano 2022 e com as bênçãos de
Deus Menino.*

*O Vice-Postulador da Causa de Canonização do Padre Cruz
P. Dário Pedrosa, s.j.*





Novo livro sobre o Padre Cruz

Conheça o novo livro sobre a vida do Padre Cruz, “O Santo Padre Cruz - uma vida de oração contínua”, um novo olhar sobre a sua vida, carácter e apostolado, tão bem descritos pela sua sobrinha-bisneta, Maria da Conceição Barreira de Sousa.

No prefácio escrito por D. Manuel Clemente, Cardeal Patriarca de Lisboa pode ler-se:

“Agradeço muito à autora e à editora este belo texto sobre o “Santo Padre Cruz”. Santidade que será oficialmente

reconhecida, como popularmente já o é há muito tempo.

Num estilo fluido e sugestivo, onde se juntam tradições familiares e informações disponíveis, relata-se um percurso espiritual e prático de quase noventa anos de vida totalmente evangélica. Em tempos difíceis para o país e para o catolicismo em Portugal, com sucessivos regimes políticos e grandes contrastes mentais e ativos, o Padre Cruz foi sempre igual a si próprio, das motivações juvenis à idade avançada, querendo apenas viver de Deus e para Deus e levando os outros na mesma senda.

Não como simples horizonte, antes como realidade concreta, dia e noite mantida e constantemente praticada. Reproduziu na vida tudo quanto Jesus nos ofereceu na sua, do discurso inaugural em Nazaré às últimas palavras do Gólgota. O mesmo programa, no Espírito que Jesus nos legou, «para anunciar a Boa Nova aos pobres» (Lc 4, 18).

Como se requer em todo o tempo e como urgia no do Padre Cruz. Muito dependente do Estado até 1910, muito condicionado por este

na década seguinte, mais livre depois, o catolicismo português sofria grande crítica ideológica e muita deserção no espaço urbano. Entre tudo isto, o Padre Cruz conseguia abrir caminho como Jesus o fizera no seu tempo, abeirando-se de todos no que cada um tem de mais premente, quer de necessidade imediata quer na busca de sentido. Especialmente aí, onde a miséria, a doença ou a prisão não permitem alibis nem demoras.

O espaço que criava aonde fosse era inteiramente cristão e alargava-se por si. Na religião do “Verbo incarnado”, toda a palavra se concretiza em gesto coincidente. Como se diz, “contra factos não há argumentos” e a vida do Padre Cruz foi um facto evangélico total, assim reconhecido por crentes e não crentes – e muito especialmente por estes, rendidos ao que ele lhes levava.

No tempo que vivemos, a lição do Padre Cruz é da máxima oportunidade. No atordoamento de informações e contrainformações, de expetativas e frustrações, de perguntas sobre tudo o que é essencial, de sobrevivências difíceis e futuros tão incertos, só a demonstração existencial do Evangelho pode abrir e alentar caminhos.

De São João Paulo II ao Papa Francisco, designa-se isto mesmo como “nova evangelização”. Entre o primeiro anúncio a quem não sabe da Páscoa de Cristo e a vida habitual das comunidades cristãs, abre-se espaço à reanimação do que ainda restar duma fé adormecida ou diluída nalguma prática e cultura. O modo de o fazer, enunciado como “novo ardor, novos métodos e novas expressões”, só acontece através de vidas substantivamente cristãs. No que foi e realizou, foi assim a do Padre Cruz.

A leitura destas páginas de Conceição Barreira de Sousa é muito inspiradora para todos nós agora.

+ Manuel Clemente”

Divulgue entre familiares e amigos este pequeno livro.

Pedidos para Causa do Padre Cruz, Apartado 2661-1117-001 Lisboa. Tel. 218860921. Email causapadrecruz@padrecruz.org



Agradeço ao Padre Cruz por...

Sempre que vos peço me ajudais. Tive uma úlcera venosa na perna, pedi com muita fé ao meu querido Padre Cruz, fiz novenas e ao fim de 6 meses fechou.

Noémia (Lisboa);

Pedi ao Padre Cruz que o meu neto arranjasse um emprego e, passado pouco tempo ouviu-me e o meu neto foi chamado.

Margarida Guerra (Coimbra);

Agradeço a boa gravidez e bom parto da minha filha Glória. A Laurinda é linda e saudável.

Maria Ermelinda Matos Costa (Lisboa);

Agradeço as graças que Deus e o Padre Cruz me têm concedido, eu ando melhor, o meu filho também e o outro filho fez uma cirurgia e está tudo a correr normalmente.

Maria Alice Lopes (Coimbra);

Fiz novenas atrás de novenas pedindo ao Padre Cruz para que o meu marido não chegasse já à hemodialise e, graças a Deus e a quem pede a Ele por nós, as análises são boas. As melhoras foram muito rápidas.

Maria Manuela Ribeiro (Barcelos);

Estava com um grande ataque de asma, era uma grande aflição. Depois de fazer uma novena ao nosso grande “Santo” senti a sua intercessão e fiquei bem.

Anabela Veloso (Edison, EUA);

Agradeço a graça da recuperação da minha saúde, especialmente do coração.

*Francisco Humberto Dias Ribeiro
(Praia da Vitória, Açores);*

A família ficou com Covid e o meu filho mais velho foi internado, mas com a intervenção do “Santo” Padre Cruz tudo já passou.

Celeste (Quinta do Conde);

O meu filho estava a estudar Enfermagem mas muito desmotivado e foi muito difícil. Só graças a tanta oração, velas, novenas e pelo “Santo” Padre Cruz. o meu filho terminou. Já conseguiu colocação com contrato e logo de seguida apanhou os tempos de covid 19 sempre com a proteção do Padre Cruz. Tenho que agradecer sempre por tudo o que tem feito na minha vida.

Maria de Fátima Abreu Santos (Vilas de Pedro);

Após suspeita de cancro, com fé pedi ao Santo Padre Cruz e fui atendida. Estava tudo bem.

Maria da Glória Oliveira (Velas, Açores);

Ao querido Padre Cruz agradeço uma graça que me alcançou de Deus Nosso Senhor por se ter arrendado um apartamento que estava muito difícil de se conseguir.

Maria João Abreu (Coimbra);

Agradeço ter-me ouvido num pedido de uma causa ganha em tribunal.

Paula C. (Setúbal);

Um neto que tirou curso de enfermagem estava com dificuldade em encontrar emprego. Após ter pedido ao nosso Padre Cruz com muita devoção, tive a notícia que estava empregado.

Maria Dias (Reriz);





**Deram
Esmola
e Agradecem
Graças**

Maria Isabel Cravo (Miranda do Corvo); Gracinda Ladeira (Odivelas); Celeste Ferreira Gomes (Valença); Maria Rodrigues (Covilhã); Rosa Salgueiro Pinto (Parada de Ester); Hermínia Cotta (Fairhaven, EUA); Bertília Mendes Guerreiro (Quarteira); Maria Dulce Aurora Seco Esteves (Covilhã); Maria Teresinha Silva (Almada); Maria Cândida Caixinha (Lagoa); Hermínio, Maria L. Simão e John Higgins (Hartford, EUA); Maria Rosa Pires Guilherme (Amadora); Anna Mulligan (Kent, GB); Alice Nunes (Napa, EUA); Maria Emília Arêzes Bessa (Porto); Maria Silva Vieira Antunes (Braga); Maria Pureza e Rosa Vasconcelos (Sabadim); Maria Leonor Pinto (Óbidos); Maria Amélia Silva Fraga (Leça da Palmeira); Branca da Silva Spiry (Santarém); Rosa

Soares Rodrigues (Fânzeres); Maria Zulmira Lima Caramelo (Trevões); Maria de Lurdes Raposo Figueiredo (Bordinhos); Glória Mendes Santos Pita (Almada); Celeste Ribas Guedes (Ermesinde); Maria Paula Brito Seródio (Porto); Marta Sofia Duarte Santos (Ega); M. Lopes (Coimbra); Maria Cidalina Flores Coelho dos Santos (Águeda); José Mira e esposa (Hartford, EUA); Albertina Real (Vila Nova de Gaia); Maria Altina Estrafalhote (Sertã); Ana Maria Santos (Lisboa); Cecília Maria Dentinho Silva (Meãs do Campo); Luís Mendonça da Silva (Amadora); Maria da Conceição da Costa Araújo (Braga); Raúl Monteiro e família (Paredes); Aldina Carvalho (Toronto, Canadá); Maria Boyle (Londres, GB); Precília da Conceição Catarino (Trevões); Maria do Rosário Pires

(Aigualva-Cacém); Maria Machado (Angra do Heroísmo, Açores); Maria dos Anjos Capelo (Seixo); Ana Vaz Ferraz e Augusto Agostinho Gomes Carneiro (Vila de Prado); Arlette Teixeira (Braga); Manuel Araújo Amorim (Alcabideche); M. Lopes (Coimbra); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Maria Fernanda Campos (Coimbra); Lucília Cartaxeiro Garrido (Vale do Paraíso); Glória Mendes Santos Pita (Almada); Maria Vitória Ribeiro (Almeirim); Maria Sales (Georgetown, Canadá); Cristina Quintas (Figueiró dos Vinhos); Maria de Lurdes Catarino André (Almada); Ema Silveira Lemos Vitória (Ribeirinha, Açores); Augusto Ferreira Santos (Gondomar); Maria do Céu Ferreira Vieira (Braga); Maria Amélia Leitão Bento Silva (Lisboa); Rosa Vieira Silva (São João da Madeira); Dorinda Benvinda (Lisboa); Mário Jorge Vaz (Algés); Ana Morão Vilela Ribeiro (Vila Franca de Xira); Maria Manuel Cruz (Porto); Maria Antónia Teixeira (Lousada); Maria Moraes Agostinho (Peso); Maria Zoraida Cardoso (Santa Cruz das Flores, Açores); Maria Adelaide Rodrigues Branco (Amadora); João Dias (Portalegre); Teresa Sousa (Caldas de Vizela); M. Lopes (Coimbra); Joaquim Rodrigues Silva (Leça do Bailio); Maria Pureza e José Rodrigues

Fernandes (Sabadim); António José Caetano (Coimbra); Maria Isabel Paulo (Póvoa de Santa Iria); Maria de Fátima Moita (Cinfães); Natalina Teixeira (Ribeirinha, Açores); Alice Nunes (Napa, EUA); Maria Alice Pimenta Gomes e Delfina Veloso Fernandes (Mós); Maria do Céu Pinto (Gouveia); Maria do Rosário Bernardes (Odivelas); Maria Soares (Turlock, EUA); Margarida Freitas Rocha (Nespereira); Rui Almeida (Lisboa); Victor Manuel de Sousa (Almargem do Bispo); Francisco Humberto Dias Ribeiro (Praia da Vitória, Açores); Aurora Ferreira, Isabel Lemos, Fernanda Pratas, Ermelinda e Zezinha Maia e Luiza Mourão (Coimbra); Núria Miranda (Barcelos); Ema Lemos (Angra do Heroísmo, Açores); Rosa e Maria Pureza Vasconcelos (Sabadim); Sara Marques Pinto (Braga); Frank e Christine Godinho (Hudson, EUA); Maria Leonor Pinto (Óbidos); Maria Isabel Nogueira Sousa (Mafra); Raul Monteiro (Paredes); Maria Marques Gomes (Sardoal); Teresa Sacchetti (Coventry, EUA); Almerinda Martins Gonçalves (Aguada de Cima); Maria do Rosário Tavares Sousa (Proença-a-Nova); Maria Paula Brito Seródio (Porto); Celeste Ribas Guedes (Ermesinde); Maria Loureiro (Matosinhos); Maria Manuela S. Pereira, Marília Franco Pereira, Paula Henriques e Dália Henriques (Lourinhã); Maria Alina Garcia (Porto).





*Mandaram
celebrar Missas pela
Beatificação do Padre Cruz*

Maria Manuela Santos Pereira (Lourinhã); Marília Franco Pereira (Porto); Paula e Dália Henriques (); Maria Piedade Santos (Rio Tinto); Manuel Amorim (Alcabideche); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Manuel Pereira (Mangualde); Maria Beatriz Guerra (Benavente); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Bernardo Fernandes e família (Almada); Francisco Pereira da Nóvoa (Porto); Isolina Cerqueira (Vila Nova de Muia); Maria Luísa Almeida (Coimbra); Luís Manuel Alegria (Abrantes); Ema Silveira de Lemos (Ribeirinha, Açores); José Mira (Hartford, EUA); Maria Fernanda Magalhães C. Carvalho Oliveira (Granja do Ulmeiro); Maria de Lurdes Raposo Figueiredo (Bordinhos); Helena Augusta Vasconcelos Bessa (Paredes); Domingos Peralta Carvalho (Aigualva-Cacém); Manuel Macedo (Ribeirão); Belmira Maria Dias (Sertã); Fernanda Gil Ferreira (Pombal); Maria José Gomes Abrunhosa (Porto); Rosa Maria Gonçalves Mesquita (Lixa); Cecília Maria Dentinho (Meãs do Campo); Irene de Jesus Teixeira Crespo (Azambuja); Berta Elisa de Freitas Lomolino Ferreira (Mem Martins); Ana Maria Costa Bravo Duarte (Monforte); Maria Augusta Silva (Ansião); Maria Lurdes Silva Valente Almeida (Salreu); Aurora Ferreira (Coimbra); Filomena Lima (Ribeirinha, Açores); Maria Amélia Leitão Bento Silva (Lisboa); Maria Augusta Santos Ramos Silva (Ansião); António Xavier Forte (Escudeiros); Jorge Manuel Almeida (Coimbra); Maria do Rosário Fátima Batista (Coimbra).

Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredicto. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza.

Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Início do Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor do Colégio dos Órfãos - Braga:	1886-1894	Aprovação dos Escritos:	30-12-1971
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Clausura do Processo Diocesano Supletivo em Lisboa:	17-12-2020





A VIDA DO PADRE CRUZ

Gonçalo Miller Guerra, S. J.

O Padre Francisco Cruz foi um dos sacerdotes portugueses mais populares do seu tempo. Falecido com fama de santo, em 1948, o seu processo de beatificação foi entregue à Santa Sé em 1965. Esta breve biografia pretende reavivar a sua memória, hoje muito apagada, mesmo entre os católicos portugueses.

1ª edição: 5€

ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

1ª edição: 7€



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€

Pedidos de livros: Secretariado da Causa do Padre Cruz,
na sua Livraria ou na Editorial Apotolado da Oração (Braga)

GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J.

REVISTA SEMESTRAL

Diretor: P. Dário Pedroso S.J.

Propriedade: Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ
Sede de Edição e Sede de Redação: Rua da Madalena, 179 R/C * Apartado 2661 * 1117-001 LISBOA
Telef.: (+351) 218 860 921 * Email: causapadrecruz@padrecruz.org * Site: www.padrecruz.org

NIPC: 501121641

Tiragem: 1.300 exemplares

Impressão: Gráfica Almondina * Sede do Impressor: Progresso e Vida, Lda.

Zona Industrial * Rua da Gráfica Almondina * 2354-909 Torres Novas

Depósito Legal n.º 17.244188 - Registo na ERC n.º 127099

Distribuição Gratuita